

O céu beijou a terra: a encarnação¹

Mark Jones

O que é a encarnação? É o céu beijando a terra.

Como disse o puritano Thomas Goodwin, quando o Filho tornou-se carne, “céu e terra se encontraram e se beijaram, a saber, Deus e o homem”.

A encarnação torna a teologia possível. Ela possibilita a comunhão com Deus. Sejam quais forem os benefícios da salvação resultantes da encarnação e da obediência de Cristo até a morte, nunca devemos perder de vista o fato de que Cristo nos conduziu a Deus (1Pe 3.18).²

Provavelmente estou — de fato, estou — entre a minoria dos que creem que o Filho teria se encarnado mesmo que Adão não tivesse pecado (posso postar minhas razões no futuro). Afinal, como o professor Swain observou, subindo nos ombros de Goodwin, “Cristo não veio ao mundo para nós, mas nós viemos ao mundo para Cristo”.

Na unidade das duas naturezas há a maior distância envolvida. O Criador é identificado com a criatura. Em Cristo, vemos eternidade e temporalidade, bem-aventurança eterna e tristeza temporal, onipotência e fraqueza, onisciência e ignorância, imutabilidade e mutabilidade, infinitude e finitude. Todos esses atributos contrastantes se unem na pessoa de Jesus Cristo.

Como Stephen Charnock escreveu tão bem há muitos anos:

Que maravilha a união de duas naturezas infinitamente distantes da forma mais íntima que qualquer coisa no mundo... Que à mesma pessoa fosse conferida glória e sofrimento; alegria infinita na Deidade e tristeza inexprimível na humanidade! Que o Deus assentado no trono se tornasse uma criança no berço; o Deus trovejante se fizesse um bebê que chora e um homem sofredor; a encarnação surpreende os homens na terra e os anjos no céu.

A encarnação abre a possibilidade de comunhão entre Deus e o homem, que de outra forma seria impossível. O Filho, para usar as palavras de Warfield, “desceu à distância infinita para alcançar a exaltação mais concebível do homem” (Fp 2.6-11). Deus não pode comungar com o homem exceto por alguma forma de condescendência voluntária. A encarnação não é apenas condescendência voluntária, mas também a forma mais gloriosa de condescendência possível da parte de Deus, pois, por meio de Cristo, fomos conduzidos a Deus.

Afinal, se Jesus fosse, em todas as coisas, apenas um homem, ele estaria, como nós, à distância infinita de Deus. Da mesma forma, se Jesus fosse apenas divino em todas as coisas, ele estaria à distância infinita de nós. Como Mediador, contudo, ele preenche a lacuna entre o Deus infinito e o homem finito. Tudo que pertence a Deus, Jesus possui. Tudo que torna alguém verdadeiramente humano, Jesus possui. Dificilmente encontraríamos palavras melhores que as de Charnock neste ponto:

Nele coexistiam a natureza ofensora e natureza a ofendida; a natureza agradável a Deus e a natureza para nos agradar; a natureza com que ele conheceu a excelência divina por experiência própria — que foi injuriada —, e entendia a glória devida a ele, e como consequência a grandeza da ofensa, que deveria ser mensurada pela dignidade de sua pessoa; e a natureza capaz de sensibilizá-lo com as misérias do homem, e suportar as calamidades devidas ao ofensor, para que se compadecesse dele, e fizesse a devida satisfação a seu favor. Suas duas naturezas distintas lhe permitiam sentir as afeições e os sentimentos das duas pessoas que ele precisava reconciliar; era o justo juiz dos direitos da primeira, e dos deméritos da outra.

¹ Traduzido por Felipe Sabino de Araújo Neto (felipe@monergismo.com). Brasília-DF, 24 de dezembro de 2014.

² 1 Pedro 3.18: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito”.

Jesus aprendeu e Jesus sabia todas as coisas; Jesus morreu e Jesus concede vida a todas as criaturas viventes; Jesus sugou o leite dos seios de sua mãe e Jesus fornecia a ela o leite para alimentá-lo. Só a encarnação do Filho de Deus pode explicar essas declarações.

A encarnação do Filho de Deus significa que Jesus é para sempre Deus e homem. Ele não abandonou — de fato, ele não pode abandonar — a humanidade após ascender ao céu, como muitos cristãos imaginavam e ainda imaginam hoje em dia. A união é indissolúvel; ele foi ressuscitado em poder como Filho de Deus (Rm 1.4). O brilhante teólogo holandês, Abraham Kuyper, meditando sobre João 1.14, certa vez escreveu: “A Palavra se fez carne! Ela se fez carne para nunca mais ser separada dessa carne! Nem mesmo agora assentado no trono. [...] Ao se tornar carne, a Palavra cria com isso a possibilidade real de que esta Criança tome o seu lugar e que esta Criança, de carne e osso, salve, reconcilie e glorifique você, feito de carne”.

Isso nos mostra o quanto Deus ama a “carne” (i.e., a natureza humana). Deus está para sempre identificado com a humanidade por causa da encarnação. Dessa forma, o céu será um lugar “carnal”. De forma alguma “pecaminoso”, mas com certeza o lugar onde seremos mais humanos do que o somos agora. Se o corpo e a alma devem ser redimidos, Jesus deveria possuir corpo e alma, visto que não pode ser curado o que ele não assumiu. Um não é mais importante que o outro, como se ansiássemos pelo dia em que nos livraremos do corpo e viveremos como alma “flutuante”. Longe disso. Ansiamos o dia em que o corpo e a alma, juntos, serão transformados à semelhança do corpo glorioso de Cristo (1João 3.2 ...“seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é”...).

Em suma:

O Criador do homem se fez homem

Para que ele, regente das estrelas, fosse amamentado pela mãe;

Para que o Pão sentisse fome;

A Fonte sentisse sede;

A Luz dormisse;

O Caminho se cansasse da jornada;

A Verdade fosse acusada de testemunho falso;

O Mestre fosse açoitado;

A Fundação fosse suspensa no madeiro;

A Força se tornasse fraqueza;

A Cura fosse ferida;

A Vida morresse.

— **Agostinho de Hipona** (Sermão 191.1)

Fonte: *Reformation 21*³

³ <http://www.reformation21.org/blog/2014/12/heaven-kissed-earth-the-incarn.php>